

## EDITORIAL

DOI

<http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v17i33p6-7>

Com este último número do *Dossiê Museus universitários: patrimônio, experiências e reflexões*, finalizamos o conjunto composto por três volumes de artigos dedicados ao tema e publicados na *Revista CPC*. Inúmeros desafios foram enfrentados para a produção deste dossiê, elaborado no contexto da pandemia de covid-19. No entanto, como apontado anteriormente, a quantidade de artigos de qualidade enviados à revista e disponibilizados ao longo deste período demonstraram a relevância e a necessidade de que este tema seja explorado nas investigações e produções acadêmicas.

A edição 33 da *Revista CPC* é formada por artigos representativos dos objetivos do *Dossiê*: apresentar reflexões e análises das dimensões de conservação, pesquisa sobre o acervo, educação e comunicação dos museus universitários. Abriga também aspectos históricos, de política cultural e os impactos da pandemia sobre diferentes tipologias de museus.

Este volume chega no momento em que, após intensas discussões e dificuldades no estabelecimento de consensos, é promulgada a nova definição de museus pelo ICOM: “Um museu é uma instituição sem fins lucrativos, permanente, a serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Atuam e se comunicam de forma ética, profissional e com a participação das comunidades, oferecendo experiências variadas para educação, entretenimento, reflexão e compartilhamento de conhecimento.”

Neste processo de debates, negociações e acordos para repactuação do que se entende por museu no meio do século XXI, percebem-se inclusões de ideias e de demandas atuais da sociedade, expressas nos termos acessibilidade, diversidade, sustentabilidade e participação das comunidades. Mas, também se identificam reposicionamentos de termos feitos de maneira questionável, na medida em que a educação deixa de ser um objetivo intrínseco e assume

o lugar de fim último dessas instituições, junto ao entretenimento, a reflexão e o compartilhamento de conhecimento. Esvaziar o lugar da educação como parte do processo de constituição dos processos museológicos, e realocá-la para assumir uma posição meramente utilitária, é, a meu ver, não considerar de forma adequada o papel histórico e social dos museus. É ainda não reconhecer que a pesquisa e a prática da educação museal é parte constitutiva dessas instituições e que esta tarefa não deve ser feita apenas depois que os processos museológicos “essenciais” foram estabelecidos.

Novos e desafiantes movimentos esperam os museus, em especial os universitários. Os três volumes do *Dossiê Museus universitários: patrimônio, experiências e reflexões* poderão, com certeza, oferecer ideias, propor caminhos e fundamentar melhor as iniciativas que estão por vir, especialmente neste momento que a pandemia parece ter recuado e que os museus retomam suas atividades e atendimento de público.

Martha Marandino  
Editora científica